

A estrada da morte

Um estudo denuncia a matança de animais silvestres na rodovia que cruza o Pantanal

Caetano Gomes, de Passo do Loure



Por vocação, a BR-262, entre as cidades de Campo Grande e Corumbá, deveria ser uma das estradas mais ecológicas e bonitas do planeta. Principal via de acesso ao Pantanal, ela atravessa 420 quilômetros de uma região escassamente povoada e coberta por florestas, rios e lagoas repletos de vida selvagem. A paisagem é exuberante, mas a rodovia converteu-se numa trilha de morte e destruição. Um estudo feito na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, revela que a estrada é a recordista em atropelamento de fauna silvestre no

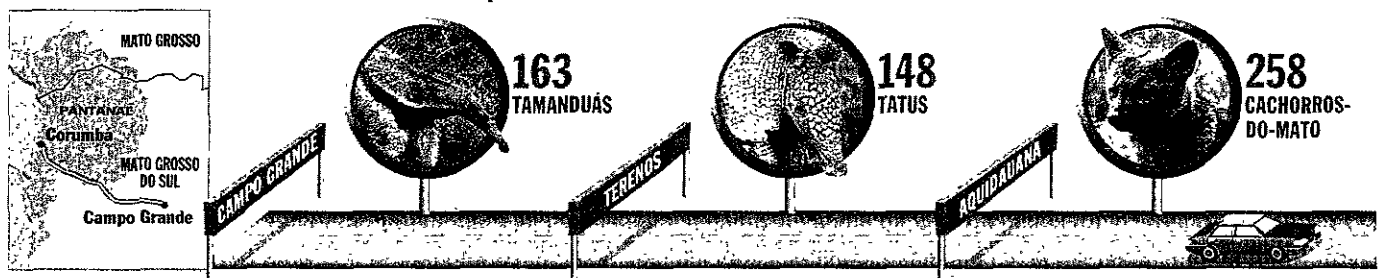
Brasil. Em um ano foram mortos mais de 1 400 animais de 88 espécies diferentes. É uma cifra impressionante de quatro atropelamentos por dia e mais de três por quilômetro de asfalto. As vítimas indefesas dessa carnificina são tamanduás, tatus, jacarés, capivaras, cervos e até animais raros e em via de extinção, como a onça-pintada e o lobo-guará (veja quadro abaixo). “É uma tragédia silenciosa, da qual a maioria dos brasileiros nunca ouviu falar”, diz o biólogo Wagner Fischer, de 27 anos, responsável pelo levantamento. Sua pesquisa, comparada com outra feita em 1992 pela bióloga Rita Herrera, mostra que o número de atro-

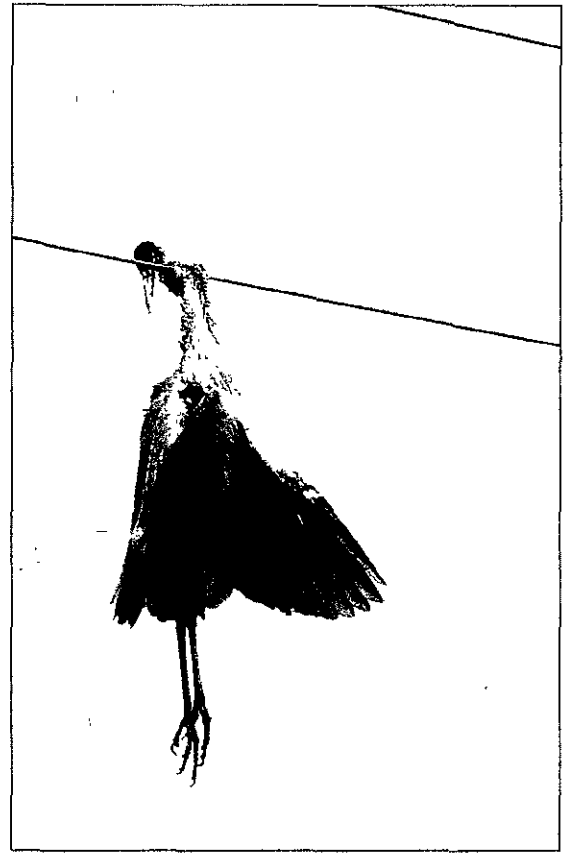
pelamentos multiplicou-se por quatro nos últimos cinco anos.

A BR-262 é essencial para milhões de brasileiros e bolivianos que vivem na região do Pantanal. Sem ela, a Bolívia não teria como exportar seus produtos, que hoje embarcam pelo Porto de Santos. No lado brasileiro, cidades como Corumbá, Miranda e Aquidauana ficariam isoladas nas épocas de chuva, quando as estradas de terra são intransitáveis. O problema é que o projeto da rodovia foi traçado de maneira improvisada, sem nenhuma preocupação com a fauna silvestre. Construída por um batalhão de engenharia do Exército, a BR-262 é um

Selvageria no paraíso

Em um ano foram atropelados 1 400 animais de 88 espécies na BR-262. Veja alguns exemplos, com o número de mortes e os trechos em que mais ocorreram





FOTOS RICARDO FRAGA

Jacaré com a cabeça esmagada no asfalto e garça electrocutada na rede elétrica que acompanha a estrada: trilha de destruição

aterro contínuo que divide o Pantanal em dois. Não há cercas de proteção nem túneis para facilitar o tráfego de animais de um lado para outro. A sinalização é precária e ninguém respeita os limites de velocidade. Ônibus e carretas enormes trafegam a mais de 100 quilômetros por hora. O movimento é intenso. São mais de 1 650 veículos por dia — mais de um por minuto. Nos próximos meses, esse número deve aumentar 30% em função das obras do gasoduto Brasil—Bolívia, cujo traçado acompanha o da BR-262 no trecho do Pantanal.

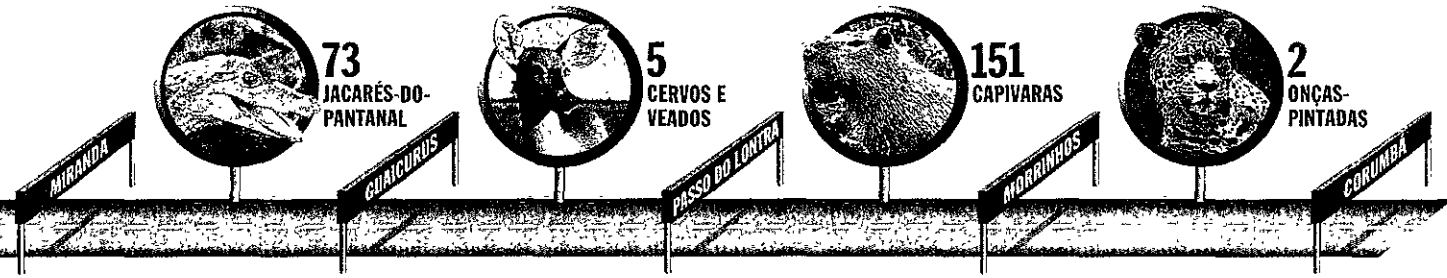
Beleza ofuscada — Para turistas e amantes da natureza, percorrer a BR-262 é uma experiência assustadora. A cada quilômetro, a beleza do cenário é

ofuscada pelas nuvens de urubus e outras aves de rapina que disputam os restos de animais atropelados. O acostamento é pontilhado por ossadas e, em alguns trechos, o odor de animais em decomposição é insuportável. Além de mamíferos e répteis esmagados no asfalto, é possível observar aves electrocutadas nos fios de alta tensão que acompanham a estrada. Como a rodovia, a rede elétrica foi construída sem um estudo de impacto ambiental adequado. O espaçamento entre os fios, inferior a 1 metro, é o mesmo usado em outras regiões do país. Ocorre que, no Pantanal, boa parte dos pássaros tem envergadura muito grande. Um deles, o tuiuiú, mede quase 2 metros da ponta de uma asa a outra. Por isso, morre electrocutado quando

tenta pousar na fiação elétrica. “O ecossistema pantaneiro é mais frágil do que se imagina”, diz o biólogo paulista Masao Uetanabaro, professor da UFMS e chefe do Centro de Estudos do Pantanal que a universidade mantém na localidade de Passo do Lontra, a cerca de 100 quilômetros de Corumbá. “É uma pena que os projetos de obras públicas não levem isso em consideração.”

O Brasil tem milhares de quilômetros de rodovias que atravessam santuários ecológicos. Em todas elas, o atropelamento da fauna é um problema. Há poucos anos, uma pesquisa feita pelo biólogo Emerson Vieira, da Universidade de Campinas, estimou em 2 700 o número de animais mortos por ano só nas rodovias federais da Região Sudeste. Na estrada que liga Pelotas à cidade de Chuí, no Rio Grande do Sul, centenas de capivaras e outras espécies são atropeladas todos os anos no trecho de 20 quilômetros sobre o Banhado do Taim, um minipantanal perto da divisa com o Uruguai. O mesmo acontece na Manaus—Porto Velho e na Cuiabá—Santarém, rodovias que cruzam extensas áreas de Floresta Amazônica. O que torna o caso do Pantanal mais dramático é a concentração de fauna, maior do que em qualquer outra região selvagem do planeta. São 650 espécies de aves e mais de 100 de mamíferos. Só de jacarés há 32 milhões no Pantanal, segundo pesquisa recente da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, Embrapa. É uma população quase tão numerosa quanto a de seres humanos no Estado de São Paulo.

Armadilha mortal — A estrada é uma armadilha mortal para essa enorme e variada fauna porque atrai os animais antes de matá-los. Na época da cheia, o aterro da rodovia é uma das poucas áreas que permanecem secas no Pantanal. Por isso, é usado pelos animais para ir de um ponto a outro em busca de





ANTONIO MARQUES VAZ/UFMS



ANTONIO MARQUES VAZ/UFMS

O pesquisador Fischer (com gavião morto) e restos de um cachorro-do-mato e de um tamanduá: carnificina

abrigo ou alimento. “Como ninguém os avisou do perigo que correm, é óbvio que eles preferem andar pelo asfalto do que enfrentar áreas alagadas”, diz o pesquisador Fischer. No período da seca, entre julho e dezembro, a estrada também atrai os animais porque ajuda a represar a água que resta no Pantanal. As lagoas artificiais ao longo do aterro aprisionam enormes cardumes, que servem de alimento a milhões de aves e répteis. Estes, por sua vez, atraem predadores maiores, como onças, jaguatiricas e lobos. A concentração de fauna aumenta o risco de atropelamentos.

O inventário de animais atropelados na BR-262 realizado por Fischer é uma pesquisa que poucos cientistas teriam estômago para fazer. É uma tarefa macabra, que já lhe valeu, de brincadeira, o apelido de “Carancho da BR-262” entre pesquisadores e funcionários da UFMS. Carancho é uma ave de rapina pantaneira que se alimenta de animais mortos. “As pessoas se surpreendem com o que faço, mas é um trabalho científico como outro qualquer”, diz ele. Patrocinado por três entidades — o WWF e as fundações Boticário e MacArthur —, Fischer percorre, de caminhonete, os 420 quilômetros entre Campo Grande e Corumbá duas vezes por mês. Dirige sempre devagar, para não perder nenhuma ossada escondida entre a vegetação do acostamento. Em pouco mais de um ano, já viajou mais de 15 000 quilômetros — duas vezes a distância entre o Oiapoque e

o Chuí, os pontos extremos ao norte e ao sul do território brasileiro. Na carroceria da caminhonete, leva tambores de formol e sacos plásticos, nos quais vai recolhendo os restos dos animais, de modo que mais tarde possa analisá-los em laboratório. Além de contabilizar o número de atropelamentos, ele identifica a espécie, a idade, o sexo e, se possível, a dieta alimentar do animal morto.

Cenas dramáticas — Em sua peculiar pesquisa de campo, Fischer testemunha cenas dramáticas. “Já vi famílias inteiras de animais atropeladas de uma só vez e filhotes órfãos vagando pela rodovia depois da morte da mãe.” Os atropelamentos em massa atingem especialmente algumas espécies mais gregárias. É o caso das capivaras, que andam sempre em bando e usam a rodovia para se locomover. O maior número de mortes ocorre à noite, por-

que os faróis dos carros provocam cegueira momentânea nos animais. Surpreendidos pelo facho de luz em meio à escuridão, eles ficam imobilizados, em vez de fugir. “Não dá nem para culpar os motoristas pelos acidentes”, diz o pesquisador Fischer. “A estrada é que não deveria estar aqui.”

Como a estrada está lá, e não seria sensato pensar em destruí-la depois de pronta, o desafio hoje é encontrar formas de reduzir o número de atropelamentos. Experiências de outros países no assunto mostram que isso é possível. A Alemanha, onde estão as estradas ecologicamente mais corretas do planeta, combina cercas que impedem o acesso dos animais à pista com viadutos pelos quais eles podem atravessar de um lado a outro sem ter de enfrentar os carros. Nos Everglades, a imensa área de pântanos ao sul da Flórida, nos EUA, as rodovias de alta velocidade são suspensas nos trechos

de maior concentração de fauna. Em outras regiões, vizinhas de parques nacionais, usam-se até aparelhos que emitem ondas ultra-sônicas para afastar os animais da rodovia. Outra solução, mais simples e barata, adotada no mundo inteiro, é estabelecer limites rigorosos de velocidade e punir motoristas infratores. São todas medidas relativamente simples, que poderiam ser aplicadas no Pantanal brasileiro. “Com um pouco de boa vontade, é possível pôr um fim nessa tragédia”, acredita Fischer. ■



FOTOS RICARDO FRAGA

Placa de advertência aos motoristas: inútil